

ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO DOCUMENTÁRIO VIDAS ENTREGUES E GIG UBERIZAÇÃO

<https://www.youtube.com/watch?v=cT5iAJZ853c>



DESGOSTO

Entregaram-nos uma chance
deixaram uma vez em nossas mãos
a escolha/opção
oposta a indecisão
de lucrar sequer
um tostão

Não perderam o costume
de rebaixar-nos.
- tolerados -
porém depois da chance
dada; demasiadamente cansados

Um único dono, compete
entre tudo e todos
como se espera:
transborda o bolso
cheio do nosso:
colosso endosso

mil e um pedais
vinte mil reais
ciclovida
ciclodemia
homeo
anti/patia

não queixa se agora
o termo em tempo
record altera
você na pressa
antes de tudo
nem lé-ra

veja o rosto
do dono do ovo
sinta o gosto
do grande desgosto
leva-se nada
daqui até lá
só o trabalho
que quase
escravo

DES “EMPREGA” DO -Poema de Raul Munaretto¹

¹ Aluno do 2º Ano do Curso de Técnico Integrado Subsequente

Por Lucas Felipe Oliveira da Silva 2tt

Nos últimos anos, diante do aprofundamento da crise econômica e do aumento do desemprego no país, algumas empresas como *Ifood*, *UberEats* e *Rappi*, passaram a oferecer a oferta de um trabalho precário e mal-remunerado para 4 milhões de entregadores e motoristas: o serviço de entrega de aplicativos.

Ambos os documentários, *Vidas Entregues* e *Gig - A Uberização do Trabalho*, tem o objetivo de expor a realidade desses entregadores de aplicativos e propor um debate sobre este ofício, que surgiu por meio da intensificação e ascensão do uso das tecnologias, entretanto, com ausência de regulamentação.

Com o aumento do desemprego, muitos migraram para esse tipo de serviço, desde pessoas com grau de escolaridade baixo até o mais elevado.

A Reforma Trabalhista, aprovada durante o governo Temer em 2017, teve grande influência para o desenvolvimento deste tipo de serviço no Brasil. Uma das alterações mais radicais foi a permissão da terceirização em todos os níveis da atividade empresarial, o que permite tratar qualquer funcionário como autônomo. Com o discurso de que os entregadores são empreendedores e donos da própria agenda, as plataformas digitais se isentam de responsabilidades e custos trabalhistas. E podem aumentar as margens de lucro ao reduzir tarifas e aproveitar a oferta maior de mão de obra lançada no mercado pelo aumento do desemprego.

Vários dos motoristas passam cerca de 12 a 18 horas trabalhando, todos os dias, sem saber o quanto vão receber, no fim do dia, às vezes o que recebem não cobre nem a gasolina ou um lanche, não sabem se o que vão receber será o suficiente para um sustento mínimo.

Ao ingressar nesse mercado, o trabalhador está por conta própria, sem nenhum vínculo empregatício (CLT), perdendo qualquer benefício que as leis trabalhistas oferecem, como: FGTS, Seguro Desemprego, 13º Salário, entre tantos outros.

Esses trabalhadores são obrigados a aceitar péssimas condições de trabalho impostas pelo mercado.

Enquanto isso, essas empresas lucram em cima deste cenário de desigualdade e desse serviço desumano, todos os anos recebem milhões de dólares, com um altíssimo valor de mercado, por exemplo o Uber - com um valor de 82,4 bilhões de dólares. O *iFood* faz parte do seleto grupo de "unicórnios" do país — como são chamadas as startups avaliadas em mais de US\$ 1 bilhão. No final de 2018, o aplicativo recebeu um aporte de US\$ 500 milhões, a maior rodada de investimentos já obtida por uma empresa na América Latina.

Com a pandemia, houve maior demanda do serviço e o trabalho se tornou ainda mais precário. Segundo um estudo sobre as condições de trabalho de entregadores via plataforma digital durante a covid-19, realizado por pesquisadores da Unicamp, do Ministério Público do Trabalho e da Universidade Federal do Paraná, entre outros, identificou jornadas de trabalho maiores e queda nos rendimentos de 58,9% dos entrevistados.

Antes da pandemia, 38,2% dos entregadores trabalhavam até oito horas por dia; 54,1%, entre nove e 14 horas; e 7,8%, acima de 15 horas. Durante a quarentena, 43,3% trabalhavam até oito horas diárias; e 56,7%, por mais de nove horas. Além disso 78,1% faziam entregas em seis ou sete dias da semana. Foram entrevistadas 298 pessoas em 29 cidades por meio de um questionário online.

Segundo a pesquisa, cerca de metade recebia até 520 reais por semana antes da pandemia. Depois, 71,9% declararam receber até 520 reais, e 83,7%, até 650 reais.

Ainda durante a pandemia, houve aumento de 100% dos que auferiam menos do que 260 reais por semana; redução de 35,9% para 14,8% dos que auferiam rendimento maior que 650 reais semanais", aponta o estudo.

É de extrema urgência que seja discutido sobre essa precarização, e que as empresas ofereçam mais suporte e condições de trabalho a esses entregadores.

ANÁLISE SOCIOLÓGICA DOS DOCUMENTÁRIOS “VIDAS ENTREGUES” E “GIB UBERIZAÇÃO”

Por Letícia Ashley Colaço Rezende²

Vivemos em uma época neoliberal onde o desemprego, a desigualdade social, pobreza e situações de vida e trabalho precário estão em alta. Em vez das leis e direitos trabalhistas progredirem e melhorarem as condições de vida da população, elas estão regredindo e muitas pessoas chegam a fazer trabalhos que beiram a escravidão.

No documentário “Vidas Entregues” podemos analisar a situação dos entregadores de comida do Rio de Janeiro. Os três trabalhadores entrevistados contam que exercem aquele trabalho “autônomo” por ser a única forma de poderem sustentar seus filhos, já que eles foram demitidos de seus antigos empregos e agora não conseguem encontrar um trabalho com carteira assinada. Conseguimos perceber isso realmente quando a moça entrevistada se auto declara desesperada, pois para ela o trabalho de entregadora não é uma escolha ou um micro negócio, mas sim, a única saída que ela encontrou para ganhar dinheiro e poder sobreviver. Ela mesma disse que aceitaria qualquer trabalho com carteira assinada caso a oportunidade aparecesse, não importa qual seja o emprego, seria melhor do que o trabalho que ela exerce atualmente.

Ao decorrer dos documentários descobrimos o porquê desses “bicos” serem tão precários. Os trabalhadores precisam arrumar seu próprio meio de transporte, seja próprio ou tendo que alugar, se for um carro ou moto eles precisarão ter seguro para que caso aja um acidente eles não percam o seu meio de locomoção de trabalho e, caso seja uma bicicleta, além de terem que pagar pelo aluguel, se não for própria, eles também pagam com a sua força de trabalho, porque precisam pedalar por vários quilômetros para fazer cada entrega no tempo mais rápido possível. Eles não recebem auxílio INSS, salário mínimo, férias remuneradas, plano de saúde, seguro de vida, plano odontológico, etc; porque não possuem carteira assinada e, por mais que usem aplicativos como o

² Aluna do 2º ano do Curso Integrado de Prótese Dentária do Colégio Estadual do Paraná. Trabalho realizado para a disciplina de Sociologia, orientado pela professora Eliana Maria dos Santos.

iFood para realizarem as entregas e sejam cadastrados nos mesmos, eles não são considerados em si funcionários desses aplicativos, mas apenas usuários dos mesmos, por isso não possuem nenhum benefício. Seus trabalhos são pagos por uma pequena quantia do valor total da entrega, enquanto as grandes empresas donas desses aplicativos e das *bikes* alugadas ganham milhões em cima do trabalho árduo dos entregadores e motoristas de UBER, 99, entre outras empresas. Ou seja, enquanto empresas multimilionárias continuam faturando milhões sem precisar dar benefícios para a fonte dessa renda, os trabalhadores precisam sobreviver muitas vezes com menos de um salário mínimo, que será usado para pagar comida, aluguel, água, luz, e outras coisas que são necessárias para exercer seu trabalho como a internet para o celular, a fim de poderem receber os pedidos de entrega ou viagem.

Na entrevista do 2º vídeo é mostrado uma foto que estava circulando nas redes sociais que era acompanhada de um texto que definia corretamente esse tipo de trabalho do século XXI, o personagem da foto estava usando uma bicicleta alugada de um banco bilionário no qual ele não era funcionário, com uma caixa de entrega estampada com a logo de um APP milionário no qual ele também não é funcionário, fazendo a entrega de um restaurante a onde ele não é empregado, enquanto trabalha muito sem possuir vínculo empregatício ou direito trabalhista. O economista Euzébio de Souza tira dessa foto, a informação de que mesmo estando em país capitalista, onde o risco de trabalho deveria ser uma responsabilidade da empresa que retém o capital, essa responsabilidade é transferida ao trabalhador, que é posto em risco todos os dias por não ter os equipamentos de proteção necessários, por ter que escolher entre sua segurança e saúde ou o dinheiro, como no caso da empregada doméstica que sabe os perigos de vida em que se coloca ao limpar o jardim da casa onde trabalha, mas mesmo assim o faz para conseguir ganhar um pouco mais de dinheiro, ou o caso relatado sobre um amigo de um dos entrevistados no primeiro documentário, que se acidentou, porém esperou o horário de pico das entregas acabarem para poder ir no médico, pois precisava do dinheiro das entregas.

Por Vitoria Nascimento³

Nesse documentário Vidas Entregues, são apontados vários problemas no trabalho diário. A taxa de desemprego é tão grande que muitas pessoas optam por trabalhar pelos aplicativos Uber, Rap, 99, IFood, do que esperar o tão sonhado emprego na área que gostariam de seguir carreira. Os problemas vão aparecendo, cada dia que trabalham acabam pagando mais do que ganham. Com pedidos cancelados, são obrigados a pagar pelo prejuízo, pois perdem a venda e gastam o tempo de ir até o local de entrega. Se a comida fica fria e o cliente devolve, perdem a corrida e ainda tem que devolver a comida para o restaurante, ou algum outro lugar. A comida fria pode ser até jogada fora, sendo que muitos entregadores precisam levar marmita para comerem e poderiam deixar para eles a comida, pagam pelo próprio meio de transporte no caso dos que fazem a entrega com bicicleta alugada, pagam vinte reais por mês para poderem trabalhar, e caso passe de uma hora andando ainda tem que pagar taxa extra o que por muitas vezes ocorre.

Conforme passa o tempo vão perdendo as promoções e o dinheiro a mais por completarem as entregas, o que era um incentivo para os trabalhadores, era algo que os ajudavam muito no dia a dia. Contam também que muitas vezes geram dívidas pelo seu trabalho, geralmente, nem sabem o porquê disso. Os acidentes que podem ocorrer, muitas vezes se dá pela tempo corrido em que devem fazer a entrega, e caso aconteça não tem assistência alguma.

Na opinião dos entrevistados é muito melhor ter a carteira assinada com tudo regular, tendo certeza da quantidade de salário que irão conseguir, benefícios, plano de saúde, vale refeição e alimentação, etc. E ter a liberdade para se ausentar se tiver imprevistos, doenças ou alguma outra coisa, sem perder nada com isso, diferente do que todos os problemas que enfrentam. Porém eles não tem muita opção.

No documentário Gig Uberização, são apontadas várias precariedades pois nesse meio ocorre muitas dificuldades como acidentes que acontecem por

³ Aluna do 2º ano do Curso Integrado Técnico em Teatro do Colégio Estadual do Paraná. Trabalho realizado para a disciplina de Sociologia, orientado pela professora Eliana Maria dos Santos.

tentarem chegar no tempo certo para não perderem pontuação e muitos não conseguem ter um bom seguro por conta disso sofrem muito para suprirem os custos necessários. Muito dos problemas citados do outro documentário também aparece neste.

Todo dia vemos essas pessoas trabalhando, mas quase nunca pensamos quem são essas pessoas, mães, pais que trabalham duro todos os dias e seus filhos que veem seus pais todo dia cansados. São pessoas que não queriam estar ali, muitos sonham com um futuro diferente, tendo melhores condições para eles e seus filhos.